

## O atraso econômico em perspectiva histórica

Talvez valha a pena explicar a opção por fazer uma abordagem histórica dos problemas atuais. Ao contrário de muitos de seus predecessores, os historiadores modernos já não anunciam ao mundo o que acontecerá ou o que idealmente deveria acontecer. Tornamo-nos modestos. Era fatal que o fervor profético desaparecesse junto da confiança infantil em uma compreensão perfeita do passado, cujo fluxo seria determinado por uma lei histórica de excepcional simplicidade e generalidade. Entre a assertiva de Sêneca sobre a absoluta certeza de nosso conhecimento do passado e a descrição que Goethe fez da história como um livro eternamente trancado a sete chaves, entre o *omnia certa sunt* de um e o *ignorabimus* do outro, o moderno relativismo histórico move-se com cautela. Os historiadores modernos reconhecem plenamente que a compreensão do passado — o que o passado em si, forçosamente, significa — está em perpétua mudança, conforme a ênfase, o interesse e o ponto de vista do historiador. Já não se busca uma determinação ubíqua e invariável do curso dos eventos humanos, como a do curso dos planetas. A necessidade férrea dos processos históricos foi descartada. Mas, junto ao que John Stuart Mill chamou de “escravidão das circunstâncias antecedentes”, demoliram-se as grandes pontes entre passado e futuro nas quais a mente oitocentista transitava, segura e confiante.

Significa isso que a história não pode dar nenhuma contribuição para compreendermos os problemas atuais? A investigação

histórica consiste, em essência, em aplicar ao material empírico vários conjuntos de generalizações hipotéticas e testar o encaixe resultante, na esperança de que, dessa maneira, certas uniformidades, situações típicas e relações entre fatores individuais dessas situações possam ser comprovadas. Nada disso se presta a extrapolações fáceis. Tudo que se pode almejar é extrair, do imenso reservatório do passado, conjuntos de perguntas inteligentes que possam ser formuladas a temas atuais. A importância dessa contribuição não deve ser exagerada, mas também não deve ser subestimada. A qualidade de nossa compreensão dos problemas de hoje depende, em grande parte, da abrangência do nosso quadro de referência. A insularidade limita a compreensão. Mas a insularidade no pensar não é apanágio de nenhuma área especial. Além disso, é não apenas um problema espacial, mas também temporal. Em política econômica, as decisões dizem respeito a combinações de diversos fatores relevantes. E a contribuição do historiador consiste em apontar para fatores *potencialmente* relevantes e para combinações *potencialmente* significativas entre eles, as quais não poderiam ser percebidas com facilidade numa esfera de experiência mais restrita. Estas são as perguntas. As respostas são outra história. Nenhuma experiência passada, por mais rica que seja, e nenhuma pesquisa histórica, por mais minuciosa que se mostre, podem poupar a geração que está viva da tarefa de encontrar suas próprias respostas e moldar criativamente seu futuro. Por isso nossos comentários só pretendem apontar algumas relações que existiram no passado e cuja consideração nas discussões atuais pode revelar-se útil.

### **Os elementos do atraso**

Muito do que pensamos sobre a industrialização de países atrasados decorre, consciente ou inconscientemente, da imponente generalização marxista: a história dos países industrializados mais adiantados traça a rota do desenvolvimento das nações mais atrasadas. “O país com a indústria mais desenvolvida apresenta ao

menos desenvolvido a imagem do futuro deste último.”<sup>1</sup> Em sentido lato, essa generalização tem validade. Faz sentido dizer que a Alemanha, entre meados e o final do século XIX, seguiu a via que a Inglaterra começara a trilhar num momento anterior. Mas é preciso tomar cuidado para não aceitar tal generalização com um entusiasmo excessivo. Ela contém uma meia verdade que tende a ocultar a existência da outra metade: em aspectos importantíssimos, o desenvolvimento de um país atrasado, em virtude de seu próprio atraso, pode ser muito diferente do desenvolvimento de um país adiantado.

Eis a principal proposição deste ensaio: em diversos casos históricos importantes, os processos de industrialização, ao serem finalmente lançados em países atrasados, exibiram diferenças consideráveis, se comparados às nações mais adiantadas. Isso ocorreu não só no tocante à velocidade do desenvolvimento (a taxa de crescimento industrial), mas também às estruturas produtivas e organizacionais da indústria que emergiu desses processos. Em considerável medida, tais diferenças na velocidade e no caráter do desenvolvimento industrial resultam da ação de instrumentos institucionais com pouco ou nenhum equivalente nos países industriais avançados. Além disso, o clima intelectual em que se dá a industrialização — seu “espírito” ou “ideologia” — difere bastante entre países adiantados e atrasados. Por último, o grau em que esses atributos ocorrem em cada caso parece variar na proporção direta do grau de atraso e das potencialidades industriais naturais dos países em questão.

Começemos por descrever, em termos gerais, alguns componentes básicos dos processos de industrialização dos países atrasados, sintetizados a partir das informações históricas disponíveis sobre o desenvolvimento econômico dos países europeus<sup>2</sup> no século XIX e até o início da Primeira Guerra Mundial. Feito isso, com base em exemplos, haverá mais a dizer sobre os efeitos do que poderíamos chamar de “atraso relativo” no curso do desenvolvimento industrial de países individuais.

A situação típica dos países atrasados, antes do início de processos consideráveis de industrialização, caracteriza-se pela tensão entre o estado real das atividades econômicas do país e os obstáculos ao seu desenvolvimento industrial, por um lado, e pela grande promessa inerente a esse desenvolvimento, por outro. A extensão das oportunidades apresentadas pela industrialização varia, é claro, conforme a dotação de recursos naturais de cada país. Além do mais, nenhuma industrialização parece possível — e, portanto, não existe qualquer “tensão” — enquanto persistem certos obstáculos institucionais importantes, como a servidão dos camponeses ou a ausência de unificação política. Presumindo-se uma dotação suficiente de recursos naturais e supondo-se que os grandes bloqueios à industrialização sejam removidos, pode-se dizer que as oportunidades inerentes à industrialização variam na proporção direta do atraso do país. A industrialização parece tão mais promissora quanto maior é a reserva de inovações tecnológicas que o país atrasado pode tirar do mais avançado. A tecnologia tomada de empréstimo, que Veblen enfatizou tantas vezes e com tanto acerto, foi um dos fatores primordiais para assegurar uma alta velocidade no desenvolvimento de países atrasados que iniciam a industrialização. Sempre houve uma tendência a desdenhar dos países atrasados por sua falta de originalidade. Os engenheiros de mineração alemães do século XVI acusaram os ingleses de imitar os métodos alemães, e os ingleses retribuíram essas acusações nas décadas de 1850 e 1860. Em nossa própria época, já se disse que o desenvolvimento industrial da Rússia Soviética foi totalmente baseado na imitação, e os russos retrucaram fazendo afirmações extravagantes. Todas essas superficialidades tendem a obscurecer a realidade básica de que, com o passar do tempo, a possibilidade de grandes importações de maquinaria estrangeira e *know-how* estrangeiro, com as oportunidades concomitantes de industrialização rápida, ampliou cada vez mais a distância entre as potencialidades e as realidades na economia dos países atrasados.